

X SEMINÁRIO DO COMOMO BRASIL
ARQUITETURA MODERNA E INTERNACIONAL: *conexões brutalistas* 1955-75
Curitiba. 15-18.out.2013 - PUCPR



A INTENÇÃO FORMATIVA E A FIDELIDADE AO MUNDO VISÍVEL | A "ARTE DE CONSTRUIR" E A TRANSFORMAÇÃO DA MATÉRIA

Maria Isabel Villac

FAU UPM, Rua da Consolação, 930 - CEP 01302-907 - Consolação - São Paulo - SP – Brasil, belvillac@gmail.com

RESUMO

O trabalho propõe investigar que a opção por uma matéria "preponderante" como modo de formar é, na arquitetura de Mendes da Rocha, uma relação entre técnica, arte e discurso. A matéria é a primeira relação com o mundo da natureza, das coisas. É o que resiste, dá corpo às ideias e permite a concretização do imaginado agenciando a intenção formativa para que o impasse da criação se transforme em possibilidade.

A opção por uma matéria está implícita na definição da forma, em sua natureza operativa. A experiência de "dar forma", encontrar a expressão estética adequada, mantém uma relação direta com a matéria, suas virtudes construtivas, à qual atribui uma ordem de relações que ela mesma sugere.

A modernidade de Mendes da Rocha, que se inicia no espaço moderno dos anos 50/60, se realiza com o concreto aparente. Para a sociedade da época, o concreto aparente causa estranhamento. O que o tempo ensinou é que a opção por construir em concreto aparente seria um compromisso entre o plano da cultura e das técnicas contemporâneas. Para o arquiteto, a opção pelo concreto aparente se vincula a uma atitude sempre atualizada e as estruturas que a ela se dirigem são tiradas do plano do viver.

Palavras-chave: Paulo Mendes da Rocha, Construção, Matéria

ABSTRACT

The paper proposes to investigate the option for a "major" material as a way of form what means, in the architecture of Mendes da Rocha, an intrinsic relationship between technique, art and theory. The material is the first relationship with the world of nature, of things. In architecture, is what endures, what gives body to the ideas, allowing the implementation of the imagined and what makes possible the training agency for the impasse of creation.

The choice for a material is implicit in the definition of form in its operational nature. The experience of "forming" and its appropriate aesthetic expression maintains a direct relationship with the material qualities, its virtues, which assigns a construction order that the material suggests.

The modernity of Mendes da Rocha, which begins in modern space of years 50/60, is being held with the concrete material. For the society, in these times, the concrete results a matter that causes estrangement. What the time taught is that the option to build on concrete would be a compromise between culture and contemporary techniques. For the architect, the option for the concrete material links to an attitude always up to date and the structures that govern it are taken from the plan of life.

Keywords: Paulo Mendes da Rocha, Construction, Matter

A INTENÇÃO FORMATIVA E A FIDELIDADE AO MUNDO VISÍVEL

A "ARTE DE CONSTRUIR" E A TRANSFORMAÇÃO DA MATÉRIA

INTRODUÇÃO

O trabalho¹ propõe investigar que a opção por uma matéria "preponderante" como modo de formar é, na arquitetura de Mendes da Rocha, uma relação entre técnica, arte e discurso, que se afasta da estética idealista, com respeito a qual a técnica era um agregado na proposição da experiência perceptiva. A redução a uma única matéria é um conceito (PARENT, 1991: 27)²

A matéria é a primeira relação com o mundo da natureza, das coisas. É o que resiste, dá corpo às ideias e permite a concretização do imaginado agenciando a intenção formativa para que o impasse da criação se transforme em possibilidade. Na resistência da matéria, o pensar, prever, garante a intenção da finalidade do construir os artefatos humanos e sua qualidade tangível (OSTROWER, 1987: 33)³. A opção por uma matéria está implícita na definição da forma, em sua natureza operativa. A matéria carrega leis, usos; possui em si mesma uma vocação formal. Matéria e intenção formativa estão unidas (PAREYSON, 1993)⁴. A experiência de "dar forma", encontrar a expressão estética adequada, mantém uma relação direta com a matéria, suas virtudes construtivas, à qual atribui uma ordem de relações que ela mesma sugere. Para o arquiteto brasileiro, «A imaginação exige abstração. A construção não!» (MENDES DA ROCHA, 1996)⁵.

A modernidade de Mendes da Rocha, que se inicia no espaço moderno dos anos 50/60, se realiza com o concreto aparente que confere a "gravitas" a uma arquitetura que se «desvencilha do supérfluo» (MOTTA, 1970)⁶. Para a sociedade da época, o concreto aparente causa estranhamento. O arquiteto contesta, esclarecendo que: «A arquitetura não se dirige a uma estética desvinculada de uma realidade social. [...] pelo contrário, só pode existir enquanto vinculada a essa realidade» (MENDES DA ROCHA, 1970)⁷.

O que o tempo ensinou é que a opção por construir em concreto aparente afirmava «Não [...] um despojamento dos atributos de ordem estética da construção. Antes seria um compromisso entre o plano da cultura e das técnicas contemporâneas [...]» (MENDES DA ROCHA, 1965: 44)⁸. Para o arquiteto, a opção pelo concreto aparente se vincula a uma atitude sempre atualizada, uma vez que «O concreto armado é uma técnica que será empregada na medida em que for boa para a execução de um projeto. Uma vez que [...] a estética e as estruturas que a ela se dirigem são tiradas do plano do viver» (MENDES DA ROCHA, 1965 :44)⁹.

CONSTRUIR É REALIZAR AS VIRTUDES DA MATÉRIA

O arquiteto Paulo Mendes da Rocha é um construtor de arquiteturas e a «Arquitetura é o fazer e produzir as coisas com que o homem dota seu inadiável existir» (MENDES DA ROCHA, 1981)¹⁰. A arquitetura produz artifícios que realizam a existência humana. E os artifícios que a arquitetura produz são, em primeira instância, abrigos.

A obra arquitetônica, ao ser em primeiro lugar abrigo, não pode existir sem ter consistência física e material. A opção por uma matéria está implícita na definição formativa, em sua natureza operativa. A matéria carrega leis, usos e intenções de todos os gêneros; possui em si mesma uma vocação formal. Matéria e intenção formativa estão unidas. A experiência formativa mantém uma relação direta com a matéria à qual impõe uma ordem de relações que ela mesma sugere. É a exteriorização da forma (PREYSON, 1993)¹¹; de uma matéria física que configura o vazio do espaço como abrigo aberto à revelação de uma intencionalidade, e que distingue a da arquitetura como artifício humano específico.

A arquitetura, para o arquiteto, é manifestação da construtividade; em sua específica significação vital é fundamento e medida da consciência concreta do mundo, sua corporeidade. Essa corporeidade é a percepção de uma unidade entre o indivíduo e o mundo, a proposição de uma experiência estética que agrega o corpo e reflexão. É, inclusive, força telúrica, substrato material e princípio que exige uma arquitetura que seja a expressão do vazio abrigado nos interstícios da matéria transformada em forma (ARENDR, 1993: 16)¹².

A existência física do mundo, como premissa para o desenvolvimento das virtudes do abrigo construído, se deve a uma opção por uma matéria, que traduz a visão de um mundo transfigurado por valores vivos, sensuais, sólidos e densos. Se se pudesse dizer que a matéria é também um conceito (PARENT, 1991: 27)¹³, na obra de Mendes da Rocha esta definição se traduziria como desejo de contato e solidariedade com o mundo; sentido de realidade, sensualidade e, por tanto, impulso elementar, força vital, ampliação da experiência através de uma proposição construtiva "inaugural".

A arquitetura, que tem como projeto um "desenho inaugural", propõe uma poética evocada e desejada, que está unida ao mundo, de tal maneira que sua realização é uma configuração intencional da arte construtiva que transforma a matéria (ECO, 1970: 205)¹⁴.

A matéria é a primeira relação com o mundo da natureza, das coisas. Permite e promove a concretização do imaginado. É o que resiste e instiga a imaginação, o que dá corpo às ideias; o que permite e promove a intenção formativa para que a dificuldade se transforme em virtude. Através da resistência da matéria, o pensar, prever, garantir a existência na finalidade de construir o hábitat humano se converte em produzir artefatos que conferem ao mundo, humano, sua qualidade tangível (OSTROWER, 1987:33)¹⁵.

A matéria, como primeira dimensão fenomenológica da equação forma/espaço, em sua solidez e durabilidade, guarda uma objetividade existencial e antropológica. A objetividade da matéria formada conserva o sentido e o desejo das formas do homem habitar o mundo. É documento vivo e dinâmico da história e suas projeções; é o registro de um movimento objetivo que afirma, de modo categórico, a existência de uma relação inseparável entre a arquitetura e os processos de transformação da natureza. A matéria guarda as marcas da relação entre cultura e natureza. Possibilita, ainda, projeções futuras, porque formar é indagar, desde um olhar cultural, as possibilidades sobre a formatividade (PREYSON, 1993)¹⁶ inerente à natureza da matéria.

A opção por uma matéria "preponderante" como modo de formar é, na arquitetura de Mendes da Rocha, uma relação entre técnica, arte e discurso, que se afasta da estética idealista, com respeito a qual a técnica era um agregado na proposição da experiência perceptiva. A redução a uma única matéria é um conceito (PARENT, 1991: 27)¹⁷. Na arquitetura que tem que "estabelecer, com matérias primas, relações comovedoras" (LE CORBUSIER)¹⁸ a matéria confirma que o arquiteto atua sobre o mundo através do modo de formar sua própria obra. A matéria transformada condensa, dentro de si, a dimensão de trabalho humano e, conseqüentemente, revela seu potencial criador.

A matéria, sua transformação, é o fazer concreto, produtivo e necessário da obra humana. A matéria, enquanto limite e possibilidade, é orientadora do processo de sua própria transformação. A matéria informa a imaginação, porque sugere configurações e ilumina o conteúdo expressivo da obra. A matéria é referencia para os critérios de realização e os critérios de valor da obra. Imaginar não é divagar sem rumo e sem finalidade, pois implica a atitude cultural e seletiva de uma matéria. Imaginar é pensar, de forma específica, um fazer concreto, porque, como em Mies van der Rohe, para o arquiteto brasileiro, «A imaginação exige abstração. A construção não!» (MENDES DA ROCHA, 1996)¹⁹.

A matéria é a primeira relação com o mundo da natureza, das coisas. É o que resiste, dá corpo às ideias e permite a concretização do imaginado agenciando a intenção formativa para que o impasse da criação se transforme em possibilidade. Na resistência da matéria, o pensar, prever, garante a intenção da finalidade do construir os artefatos humanos e sua qualidade tangível (OSTROWER, 1987: 33)²⁰. A opção por uma matéria está implícita na definição da forma, em sua natureza operativa. A matéria carrega leis, usos; possui em si mesma uma vocação formal. Matéria e intenção formativa estão unidas (PAREYSON, 1993)²¹. A experiência de "dar forma", encontrar a expressão estética adequada, mantém uma relação direta com a matéria, suas virtudes construtivas, à qual atribui uma ordem de relações que ela mesma sugere. Para o arquiteto brasileiro, «A imaginação exige abstração. A construção não!» (MENDES DA ROCHA, 1996)²².

A redução da arquitetura às qualidades da matéria, que gera uma força de tensão máxima no espaço e que surpreende os sentidos, é uma unidade racional construtiva e concentração orgânica perceptiva como busca da vontade criadora. É a relação de um contato vivo e dialogante que se afasta da estética idealista, com respeito a qual a técnica era um agregado, na proposição da experiência perceptiva.

A redução à realidade sensível da matéria é um princípio de economia (Malevich), mas também saturação das superfícies (Matisse), exaltação da qualidade pictórica e de textura da matéria formada. É a força que está na expressividade elementar, a agudeza e a concentração das qualidades da natureza da matéria, que a forma logra traduzir: peso, gravidade, caráter rude e áspero do concreto nu; leveza, dinamismo e reversibilidade no metal; diafaneidade, transparência e capacidade reflexiva no cristal.

A matéria como limite, proposta de maneira intencional, quer induzir a experiência construtiva a uma estrutura invariável e essencial. Quer gerar o primitivo da percepção, resgatar o aspecto estético e puro das formas que abrem a consciência para a complexidade do espaço, surpreender a intuição, permitir o contato imediato com a organicidade espaço/temporal da obra. A redução matérica define a poética do arquiteto, de tal maneira que encontra sentido na "temporalização" do desenvolvimento técnico de uma época, mas também no princípio de finalidade projetual.

A REALIZAÇÃO DE UM PROJETO NO TEMPO

A confirmação e a opção pelo concreto aparente, que o arquiteto escolhe a finais dos anos 50, é parte de uma renovação formal que põe em tela de juízo um determinado sistema de comunicação da arquitetura brasileira. De fato, põe em suspenso uma determinada visão de mundo e denuncia que uma noção de ordem arquitetônica e moral se está dissolvendo em um novo tipo de tensão.

Ao optar por construir em concreto aparente, Mendes da Rocha assenta as bases de um novo modo de formar, que não é somente um experimento de formas, senão que oferece a possibilidade de sair das compensações à alienação histórica, às quais a arquitetura "brasileira" se havia aferrado, e de levar a cabo discursos historicamente radicais para falar ao homem dos problemas do homem.

O concreto aparente é vigoroso e traduz a consciência do trágico²³ e da esperança. Mas, para alguns, é pura melancolia. Para Mendes da Rocha é a retirada estética do espírito do tempo (*Zeitgeist*). Para o arquiteto, «A técnica do concreto é sempre maleável à criação. É o material mais apropriado para resolver o problema do espaço moderno» (MENDES DA ROCHA, 1970)²⁴.

A modernidade de Mendes da Rocha, que se inicia no espaço moderno dos anos 50/60, se realiza com o concreto aparente que, com sua aparência rude, é a matéria que confere a "gravitas" a uma arquitetura que se «desvencilha do supérfluo» (MOTTA, 1969)²⁵ Essa arquitetura resiste a um fundo de invisibilidade que são os estratos do tempo que fazem coincidir eternidade e memória histórica sacrificadora com as noções de identidade/alteridade e de alienação. Como retirada do desafeto, o concreto aparente mostrava um fundo escuro, ancestral, no qual as etapas passadas não se mostravam simplesmente como passado, senão que apelavam e exigiam, às etapas presentes, poder trazer o "novo". O exemplo, como afirma o arquiteto, é Chandigarh: «[...] Corbusier contemplou o mundo colonial, a questão da Índia. São tão comoventes suas obras na Índia! Como quem diz, é possível, entre nós, inaugurar novos horizontes prá esses artefatos aí» (MENDES DA ROCHA, 2012a: 56)²⁶.

O concreto aparente também conecta com a base da consciência, com fases primitivas relacionadas com a intuição das imagens. Assim, clareia sua relação intrínseca com o mundo anterior a lógica, que está no horizonte universal. Mas o concreto, reduzido à essência do estado bruto, não é unicamente selvagem e ressonância da natureza primordial, senão que traduz

perenidade, solidez, massa, opacidade. O caráter primitivo da pedra desperta os sentidos²⁷ e estabelece um movimento de duração na lentidão estática desta matéria que, no Brasil, revela um arcaísmo social que não quer ser reversível.

A complexidade que envolve tal proposição exige clareza estrutural, eficácia e, principalmente, a demonstração da resistência das coisas na intensidade sensível de uma configuração "materialista", que não permite sublimação. É um desenho —desígnio— monumental «Não como monumento a alguma circunstância, mas com a monumentalidade indispensável ao exercício da própria vida, na sociedade» (MENDES DA ROCHA, 1981)²⁸.

Para a sociedade da época, o concreto aparente resulta uma matéria agressiva, incompleta. O arquiteto contesta estas críticas, de um impressionismo prevenido, explicando a simplicidade bruta de sua arte, como compromisso social:

«A arquitetura não se dirige a uma estética desvinculada de uma realidade social. Ela, pelo contrário, só pode existir enquanto vinculada à essa realidade, para junto com ela vencer uma aventura terrível que é a do viver. A obra de arte, de arquitetura, executada a cada instante, propõe entretanto um projeto maior de ordem mais ampla. As técnicas que empregam não podem trair essas perspectivas, que nos interessam como possíveis de se reproduzirem e se modernizarem. [...] Além disso, os operários que trabalham comigo nessas construções, concluem simplesmente que poderiam fazer igual. Faz parte de uma certa filosofia, esse entendimento de que a arte não é mais para ser feita como o mistério, o mundo apartado e incompreendido por todos. As construções de concreto, simples e essenciais, mostram que a arquitetura também pode e deve se relacionar com o povo» (MENDES DA ROCHA, 1970)²⁹.

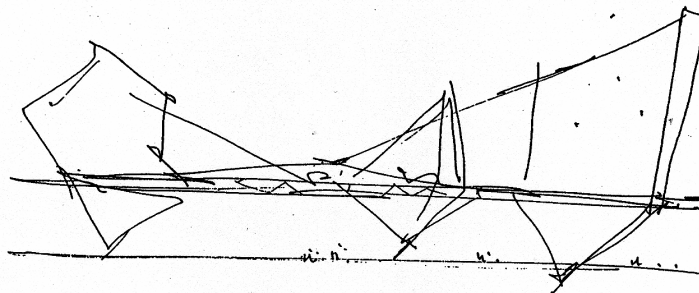
No momento em que o concreto se propõe como finalidade social no seio de uma sociedade estratificada, como ruptura, como mensagem dirigido ao futuro, essa mesma sociedade trata de eludir esta arte qualificando-a como "radical". Desta maneira, nega que se trate de uma operação relacionada com o mundo em que se vive, e o único que propõe é que a ruptura, na ordem das formas, com a ordem teórica e social estabelecida, fique neutralizada pela insinuação de que se trata simplesmente de um experimento de laboratório. Mas o que o tempo ensinou é que a opção por construir em concreto aparente afirmava

«Não [...] um despojamento dos atributos de ordem estética da construção. Antes seria um compromisso entre o plano da cultura e das técnicas contemporâneas, capazes de enfrentar o problema da construção em massa, da industrialização da construção» (MENDES DA ROCHA, 1968: 44)³⁰. «O concreto armado é uma técnica que será empregada na medida em que for boa para a execução de um projeto. Se a estética e as estruturas que a ela se dirigem são tiradas do plano do viver, o uso do concreto não provém de filosofias existenciais, mas sim procura condicioná-las às práxis da técnica» (MENDES DA ROCHA, 1970)³¹.

A opção pela técnica, pela especificidade material do concreto, segundo o arquiteto, condicionava a própria filosofia da existência em sua projeção social. A finalidade da configuração da arquitetura seguia sendo estética e o ponto de partida ético continuava atado à dinâmica da vida. O que se traduzia em uma sensibilidade e uma moralidade que transpassava os limites do individual para alcançar possibilidades formativas que pudessem ser elaboradas por toda uma cultura e conectassem com a universalidade.

A partir desta intenção de explorar a relação entre o âmbito da vida, o compromisso social e a visibilidade universal, na contemporaneidade, o arquiteto segue realizando obras que entranham uma dialética entre investigação experimental e comunicação estética. Mas sabe que o concreto aparente, depois de tantos anos, ensina e acentua — de alguma maneira por suas próprias obras—, um já incorporado caráter ensimesmado e já não é uma matéria revolucionária, mas absorvida em seu caráter eminentemente técnico.

Nas obras das últimas décadas, após a insistência em obras de concreto aparente, o arquiteto retoma o equilíbrio entre circunspeção e leveza da técnica mista de sua primeira grande obra, o Ginásio do Paulistano (São Paulo, 1957-1961).



MR
Ginásio Atlético Paulistano
imagens... 1957

Ginásio do Paulistano

A técnica mista, que agrega concreto e metal, mostra obras nas quais a resistência e o índice de compacidade, que a "arte de construir" em concreto aparente traduz em tensão estrutural, intensidade e solidez material, incorpora a mobilidade, a redução de peso, a mínima densidade do metal. Na obra do arquiteto, o metal, reunido ao concreto, incorpora uma dimensão crítica nova ao espaço da solidariedade e mostra uma evidência generosa, aberta e ligeira, agregada à circunspeção necessária ao estranhamento tanto a "gravitas" como a da leveza inerente à transformação da estrutura imóvel da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arendt, Hannah. *The human condition*, Chicago: The University of Chicago Press, 1958. Trad. Espanhola **La condición humana**, Barcelona: Paidós Ibérica, 1993.

Betons - matière d'architecture, Paris: Editions Régirex - France, 1991.

Eco, Umberto. "Los colores del hierro", 1964. In: **La definición del arte — Lo que hoy llamamos arte, ¿ha sido y será siempre arte?**, Barcelona: Martínez Roca, 1970.

Mendes da Rocha, Paulo A. "Concreto aparente impõe-se em prazo curto - Concreto é material acabado". In: **O dirigente construtor**, nº. 11, vol. 1, São Paulo: setembro de 1965, p. 41-60.

_____. "Casa concreta". In: **Artes Arquitetura** nº. 20, [entrevista a Paulo Mendes da Rocha], 1970, página única.

_____. "Ideia e desenho". **Folha de São Paulo** seção "Folhetim", (10/05/1981).

_____. "Arquitectogramas" (Conferência). In: Ciclo de conferências **Less is more**. Organizado por Josep-Maria Montaner e Vittorio Savi. Programa incluído nas atividades do Congresso UIA. Barcelona: 1996. Não publicada.

Mendes da Rocha, Paulo; Villac, Maria Isabel. "A construção do olhar de Paulo Mendes da Rocha". Entrevista. In: Mendes da Rocha, Paulo; Villac, Maria Isabel. **Paulo Mendes da Rocha com Maria Isabel Villac. América, Cidade e Natureza**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2012, pp. 27-87.

Motta, Flávio. **Pavilhão do Brasil, Osaka, 1969**, memória do projeto. Versão também publicada com o título "Arquitetura brasileira para a EXPO 70". In: Revista **Acrópole**, nº. 372, ano XXXII, São Paulo: fevereiro de 1970.

Ostrower, Fayga. "Materialidade, linguagem". In: **Criatividade e processos de criação**, Petrópolis: Vozes, 1987 6ª ed.

Pareyson, Luigi. **Estetica, teoria della formatività**, Milán: Grupo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sozegno, Etas, 1988; [trad. port. João Ricardo Moderno]. **Estética — Teoria da formatividade**, Petrópolis: Vozes, 1993.

Villac, Maria Isabel. **A construção do olhar – Natureza, Cidade e Discurso na Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha**, tese doutoral apresentada em 2002, na ETSAB/UPC, Barcelona – Espanha.

¹ O presente texto é parte integrante do 3º. Capítulo "A construção do olhar do arquiteto – Natureza, Cidade e Discurso na Arquitetura", da tese de doutorado **A construção do olhar – Natureza, Cidade e Discurso na Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha**, apresentada em 2002, na ETSAB/UPC, Barcelona – Espanha. OMITIDO PARA NÃO IDENTIFICAR O AUTOR.

² Parent, Claude. "Prefacio". In: **Betons - matière d'architecture**, Paris: Editions Régirex - France, 1991, p. 27.

³ «O que aqui chamamos de "pensar específico sobre um fazer concreto" (original entre aspas) [...] Trata-se de *formas significativas* (original em cursiva) [...] porque através da matéria assim configurada, o conteúdo expressivo se torna passível de comunicação». Ostrower, Fayga. "Materialidade, linguagem". In: **Criatividade e processos de criação**, Petrópolis: Vozes, 1987 6ª ed., p. 33.

⁴ Pareyson, Luigi. **Estetica, teoria della formatività**, Milán: Grupo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sozegno, Etas, 1988; [trad. port. João Ricardo Moderno]. **Estética — Teoria da formatividade**, Petrópolis: Vozes, 1993.

⁵ Mendes da Rocha, Paulo A. "Arquitectogramas" (Conferência). In: Ciclo de conferências **Less is more**. Organizado por Josep-Maria Montaner e Vittorio Savi. Programa incluído nas atividades do Congresso UIA. Barcelona: 1996. Não publicada.

⁶ Motta, Flávio. **Pavilhão do Brasil, Osaka, 1969**, memória do projeto. Versão também publicada com o título "Arquitetura brasileira para a EXPO 70". In: Revista **Acrópole**, nº. 372, ano XXXII, São Paulo: fevereiro de 1970.

⁷ Mendes da Rocha, Paulo A. "Casa concreta" [entrevista a Paulo Mendes da Rocha]. In: **Artes Arquitetura** nº. 20, 1970, página única.

⁸ Mendes da Rocha, Paulo A. "Concreto aparente impõe-se em prazo curto - Concreto é material acabado". In: **O dirigente construtor**, nº. 11, vol. 1, São Paulo: setembro de 1965, p. 44.

⁹ Mendes da Rocha, Paulo A. "Casa concreta", texto citado.

¹⁰ Mendes da Rocha, Paulo A. "Ideia e desenho". **Folha de São Paulo** seção "Folhetim", (10/05/1981).

¹¹ A formatividade não é uma abstração, senão um "corpo" que tem consistência e no qual se exerce e se concretiza um processo singular de formação que produz obras reais. Ver Pareyson, Luigi. Obra citada.

¹² «[...] cualquier cosa que el hombre haga, sepa o experimente sólo tiene sentido en el grado en que pueda expresarlo». Arendt, Hannah. "Prólogo". In: **La condición humana**, Barcelona: Paidós Ibérica, 1993, p. 16.

¹³ «[...] le béton brut, parfois, comme le dit Christian de Portzamparc, "tout autant qu'une matière, est un concept"». Parent, Claude. Obra citada, p. 27.

¹⁴ «La cultura contemporánea no podía dejar de volver a una toma de conciencia positiva de los derechos de la materia, en orden a comprender que no existe valor cultural que no proceda de un acontecimiento histórico, terrenal; que no existe espiritualidad que no se manifieste a través de situaciones corporales concretas. Nosotros no pensamos *a pesar del* (original em cursiva) cuerpo sino *con el cuerpo* (original em cursiva)». Eco, Umberto. "Los colores del hierro", 1964. In: **La definición del arte — Lo que hoy llamamos arte, ¿ha sido y será siempre arte?**, Barcelona: Martínez Roca, 1970, p. 205.

¹⁵ «O que aqui chamamos de "pensar específico sobre um fazer concreto" (original entre aspas) [...] Trata-se de *formas significativas* (original em cursiva) [...] porque através da matéria assim configurada, o conteúdo expressivo se torna passível de comunicação». Ostrower, Fayga. "Materialidade, linguagem". Obra citada, p. 33.

¹⁶ Pareyson, Luigi. Obra citada.

¹⁷ Parent, Claude. Obra citada, p. 27.

¹⁸ Le Corbusier. "A lição de Roma". In: **Por uma arquitetura**.

¹⁹ Mendes da Rocha, Paulo A. "Arquitectogramas". Conferência citada.

²⁰ «O que aqui chamamos de "pensar específico sobre um fazer concreto" (original entre aspas) [...] Trata-se de *formas significativas* (original em cursiva) [...] porque através da matéria assim configurada, o conteúdo expressivo se torna passível de comunicação». Ostrower, Fayga. Obra citada, p. 33.

²¹ Pareyson, Luigi. Obra citada.

²² Mendes da Rocha, Paulo A. "Arquitectogramas". Conferência citada.

²³ «[...] no sertão [...] uma pedra de nascerça, entranha a alma». In: Melo Neto, João Cabral de. **A educação pela Pedra (1962-1965)**, Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

²⁴ Mendes da Rocha, Paulo A. "Casa concreta", texto citado.

²⁵ Motta, Flávio. **Pavilhão do Brasil, Osaka, 1969**. Texto citado.

²⁶ Mendes da Rocha, Paulo; Villac, Maria Isabel. "A construção do olhar de Paulo Mendes da Rocha". Entrevista. In: Mendes da Rocha, Paulo; Villac, Maria Isabel. **Paulo Mendes da Rocha com Maria Isabel Villac. América, Cidade e Natureza**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2012, p. 56.

²⁷ Le Corbusier. "A lição de Roma", texto citado.

²⁸ Mendes da Rocha, Paulo A. "Ideia e desenho", texto citado.

²⁹ Mendes da Rocha, Paulo A. "Casa concreta", texto citado.

³⁰ Mendes da Rocha, Paulo A. "Concreto aparente impõe-se em prazo curto - Concreto é material acabado", texto citado, p. 44.

³¹ Mendes da Rocha, Paulo A. "Casa concreta", texto citado.